

IMPACTOS DO PERÍODO PANDÊMICO NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DE CRIANÇAS EM TURMA DE ALFABETIZAÇÃO

Sandra dos Santos Andrade¹

Luciana Piccoli²

Brenda Rosana Goulart³

Eixo temático 10: Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo: Este texto é desdobramento de uma pesquisa mais ampla e objetiva apresentar impactos do período pandêmico no desenvolvimento escolar de crianças dos anos iniciais, mais especificamente no período de alfabetização. A pesquisa maior acontece no contexto do estágio curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental, da Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O material empírico é composto por avaliações diagnósticas, perfil pedagógico e relatório de acompanhamento da turma no contexto da documentação pedagógica elaborada por uma professora-estagiária em turma de segundo ano do Ensino Fundamental. A elaboração desses documentos é parte da primeira etapa da pesquisa que antecede o planejamento de propostas específicas visando a posterior intervenção pedagógica. Entendemos que o período pandêmico produziu tribulações de diferentes ordens para as crianças no período de confinamento, acarretando dificuldades de aprendizagem que podem ser recuperadas a partir de mediações qualificadas. Por isso investimos na compreensão dos impactos e de onde se originam as dificuldades: 1) na compreensão da dinâmica e das rotinas do espaço escolar, 2) na convivência com os outros e 3) nas aprendizagens acadêmicas.

Palavras-chaves: pandemia; alfabetização; anos iniciais; avaliações diagnósticas

1) Introdução

Em um cenário de precariedade que durou em torno de dois anos letivos e com o retorno gradual às escolas ao longo do ano de 2022, temos percebido os problemas que a

¹ Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da UFRGS. Contato: sandrasantosandrade@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da UFRGS. Contato: luciana.piccoli@ufrgs.br

³ Licenciada em Pedagogia pela UFRGS. Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS. Contato: goulartbrendaa@gmail.com

pandemia causou em vários âmbitos do ensino. O que nos parece mais sério está posto na defasagem que se coloca nos processos de aprendizagem das crianças. Aprendizagens não apenas dos conteúdos acadêmicos, mas de habilidades sociais, de controle emocional, de interação e comunicação, por exemplo. Compreendendo a necessidade de pensar sobre como minimizar os efeitos dessa situação sanitária a longo prazo, desenvolvemos uma pesquisa que se encontra em andamento. Neste texto, desdobramento da pesquisa maior, temos como objetivo apresentar alguns impactos do período pandêmico no desenvolvimento escolar de crianças dos anos iniciais, mais especificamente no período de alfabetização.

A pesquisa maior é desenvolvida no contexto do estágio curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental, da Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com escolas da rede pública de ensino de Porto Alegre. As professoras-estagiárias realizam, a cada semestre de estágio, atividades de: diagnóstico das aprendizagens das crianças, elaboração e execução de estratégias didático-pedagógicas nas turmas atendidas, mediação e intervenção junto às crianças para viabilizar as aprendizagens, acompanhamento do processo de aprendizagem através da elaboração e utilização de diferentes formas de registro da aprendizagem. Tais estratégias são desenvolvidas sob a supervisão das professoras-orientadoras, em docência compartilhada com as professoras-referências das turmas. Ao final do estágio é feita uma devolutiva para a escola com relatos das estagiárias e avaliação da equipe da escola em um seminário organizado pelas professoras orientadoras.

Neste recorte, o material empírico é composto pelas avaliações diagnósticas, perfil pedagógico e relatório de acompanhamento da turma, documentos que fazem parte do contexto de uma documentação pedagógica mais ampla, elaborada por uma das estagiárias em uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental. A elaboração desses documentos é parte da primeira etapa da pesquisa que antecede o planejamento de propostas específicas visando a posterior intervenção pedagógica. Entendemos que as dificuldades que estão impactando na aprendizagem das crianças, produzidas no período de confinamento, acarretaram dificuldades de aprendizagem que podem ser recuperadas a partir de mediações qualificadas. Por isso investimos na compreensão desses impactos e de onde se originam.

2 Fundamentação teórica

Os conceitos que são caros para o desenvolvimento da pesquisa do tipo intervenção e que constituem o foco inicial de estudo são: Zona de Desenvolvimento Proximal, Pedagogia Diferenciada e Alfabetização. Nesta discussão vamos privilegiar o conceito de alfabetização, pois é o que nos permite situar e compreender se e por que as crianças estão apresentando

dificuldades no processo de aquisição do sistema de escrita. Consideramos o conceito de alfabetização na perspectiva de Magda Soares (2020), como o processo de aprendizagem do sistema de escrita alfabética e de suas convenções, que envolve habilidades tanto cognitivas quanto linguísticas de seus aprendizes.

O processo de avaliação diagnóstica da alfabetização no estágio curricular tem por fonte os estudos de Magda Soares (2020), especialmente a matriz de habilidades apresentada pela pesquisadora no projeto de desenvolvimento profissional em Lagoa Santa/MG, intitulado "Alfaetrar". Tendo em vista o contexto pandêmico, como conhecimentos a serem avaliados na alfabetização, a equipe de professoras-orientadoras do estágio indicou, como prioritários, durante o ano de 2022: o conhecimento das letras e do alfabeto, a consciência fonológica (consciência silábica, de rimas e aliterações), a consciência grafonêmica, a escrita de palavras, a leitura de palavras e a leitura e a interpretação de textos.

3 Metodologia

Para o alcance dos objetivos da pesquisa maior, a metodologia adotada foi a pesquisa do tipo intervenção pedagógica de abordagem qualitativa, pois esta metodologia se caracteriza por “[...] investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências [...] destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem [...] e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências.” (DAMIANI *et al*, 2013, p. 58).

Iniciamos aferindo os efeitos da pandemia nos processos de aprendizagem de crianças, através de uma consistente avaliação diagnóstica para só então, e, a partir disso, planejar e implementar propostas pedagógicas diferenciadas junto às crianças. A metodologia de pesquisa do tipo intervenção pedagógica, além da avaliação diagnóstica, “[...] envolve planejamento e implementação de uma interferência e a avaliação de seus efeitos.” (DAMIANI *et al*, 2013, p. 63). O termo “pedagógica” é adotado junto ao conceito de “intervenção” para caracterizar, de modo específico, o tipo de intervenção a ser realizada dentro das escolas e das salas de aula atendidas.

Para proceder à análise apresentada, será considerada apenas uma das etapas propostas dentro da pesquisa maior: a avaliação diagnóstica realizada a partir da matriz de habilidades proposta por Soares (2020), com a intenção de considerar as habilidades já desenvolvidas pelas crianças e aquelas que precisam de planejamento intencional das professoras para serem alcançadas. Este momento de diagnóstico nos permitiu verificar o que era esperado das crianças para o ano em termos de aprendizagem e comparar com aquilo que elas haviam conseguido desenvolver através do ensino remoto, que foi marcado por

mediações e intervenções menos contundentes por parte das professoras, pelas circunstâncias do período e pelas metodologias possíveis em um contexto de limitações tecnológicas e precariedade econômica.

4 Resultados e discussão

Os dados empíricos são resultados do estágio de docência desenvolvido pela professora-estagiária Brenda Rosana Goulart em uma escola pública do município de Porto Alegre-RS, no primeiro semestre de 2022. A escola tem como público alunos pobres da periferia da cidade. A turma era composta por 24 estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental e não havia professora-referência até o segundo trimestre de 2022, quando a estagiária assumiu a turma⁴. Logo, durante todo o primeiro trimestre, os professores da sala de recursos, laboratório de aprendizagem e supervisão se revezaram para atender a turma. Assim, não houve um trabalho sistemático em relação à alfabetização. Na entrega de avaliações do primeiro trimestre, havia poucas produções feitas pelas crianças e o que foi informado pela professora que ficou mais tempo com elas era divergente do encontrado nas avaliações diagnósticas realizadas por Brenda. Ou seja, nesta situação, as crianças foram duplamente penalizadas, primeiro pela pandemia e depois pela precariedade do ensino.

A partir da atuação docente na turma e das avaliações diagnósticas realizadas, as principais dificuldades das crianças identificadas no período pós-pandemia se localizavam: 1) na compreensão da dinâmica e das rotinas do espaço escolar; 2) na convivência com os outros, 3) nas aprendizagens acadêmicas. A análise a seguir busca, então, dar conta da discussão desses três aspectos.

Compreender-se como aluno e como era o funcionamento da escola foram um dos primeiros desafios das crianças da turma. Outra característica do grupo era entender, como propostas didáticas, somente o que era realizado em folhas estruturadas, não aceitando participar de jogos ou propostas no caderno, como bem evidencia a professora Brenda neste trecho do Relatório de Acompanhamento da Turma (RAT)⁵:

Eles encaram somente folhas estruturadas como atividade; quando são feitos registros no caderno, entendem como não ser algo feito na aula, conforme a fala de um aluno: “Tu não faz nada com a gente. Hoje tu só passou coisa no caderno e isso não é alguma coisa”. Seguida da fala de outra criança: “Não é atividade isso no caderno. Quero uma folha no papel para fazer.”. Há, portanto, a necessidade de um trabalho sobre o uso do caderno para além da cópia da data e rotina e desenhos

⁴ Cabe esclarecer que o período de estágio de docência de Brenda coincidiu com sua nomeação como professora concursada na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

⁵ Os excertos do material empírico são apresentados em caixas de texto e em fonte 10 para diferenciar das citações diretas.

livres que fazem. Ainda sobre o uso do caderno, muitos estão aprendendo a organizar esse suporte. Assim, possuem dificuldade para seguir a ordem das páginas e fazem muitos desenhos livres em todas as partes do caderno. (GOULART, 2022, documento eletrônico).

Ainda, em diferentes situações em que foram propostos jogos com cartas, as crianças se recusavam a jogar, jogavam as cartas longe e pediam folhas estruturadas. No início do estágio, tudo o que fosse diferente das atividades impressas, as deixavam irritadas, resultado de uma aprendizagem do período pandêmico, em que as folhas estruturadas, muitas vezes deixadas no portão da escola, eram o recurso mais acessível e inclusivo para as famílias de baixa renda.

A dificuldade de concentração das crianças e o estresse gerado por estarem em sala de aula também foram evidências da primeira e da segunda defasagens apontadas. Durante o início das aulas, a maioria da turma participava oralmente. Após duas horas, os estudantes mostravam dificuldade para manter a atenção na exploração oral da professora ou para participar de jogos. A especificidade do processo de alfabetização, como já apontado, requer a mediação de um adulto, que é exercida pela professora em sala de aula. No ensino remoto essa função precisou ser delegada para as famílias que, boa parte das vezes, não tinha condições técnicas para conduzir esse processo ou não tinha tempo, pois seguia trabalhando e, ainda, havia casos de famílias com vários filhos que necessitavam de assistência. Tais situações geraram estresse em alguns ambientes familiares e as crianças precisaram se autorregular diante dos monitores e telas de celular, sem terem ainda maturidade neurológica para isso. Quando retornaram à escola, a dificuldade em lidar com a frustração e a falta de empatia pelo outro se evidenciaram e precisaram ser recuperadas ou desenvolvidas. Essa situação é ilustrada neste excerto do RAT:

Sobre a parte socioafetiva, a turma como um todo é muito afetiva e querida. Estão em processo de aprendizagem sobre atitudes de autorregulação, já que possuem um pouco de dificuldade para lidar com a frustração e com o outro. Geralmente, perto do fim da semana, aparentam estar cansados e não querem realizar algumas propostas, deixando explícito que não querem participar. Há brigas e discussões entre os colegas. Quando isso ocorre, costumam chorar, agredir fisicamente e verbalmente uns aos outros. Tais conflitos se intensificam nas sextas-feiras. Também falam muitos palavrões quando algo acontece ou para xingar os colegas. (GOULART, 2022, documento eletrônico).

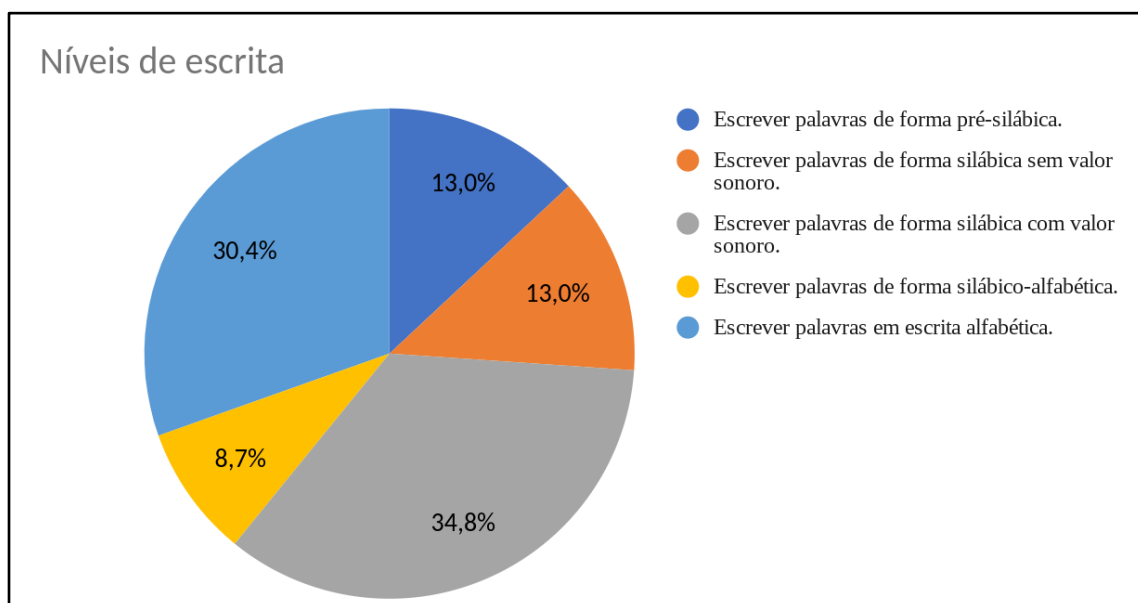
A turma estava aprendendo a se organizar no espaço escolar, já que muitas crianças não conseguiam organizar seus materiais e nem tentavam começar ou concluir suas atividades. Além disso, havia uma discrepância bastante evidente em relação às aprendizagens dos alunos, criando dois grupos, um inicial e um avançado em relação aos

conhecimentos da língua portuguesa, o que se relaciona ao terceiro aspecto indicado como defasagem.

A turma está aprendendo a ser aluno, assim, muitas vezes os materiais não estão em cima da classe, mas no chão ou nas classes dos colegas. Também alguns alunos querem ficar desenhando e não querem fazer as propostas ou não terminam. Eles se estressam muito quando tem mais de 3 propostas por dia. Estou, gradativamente, tentando propor mais situações por tarde. Mas eles levam muito tempo em tarefas simples. Também percebo que muitas das questões de indisciplina da sala é por não ter a diferenciação nas propostas, já que possuo dois grupos de alunos muito distantes em níveis de conhecimento. (GOULART, 2022, documento eletrônico).

Na aprendizagem das habilidades de língua portuguesa, especificamente em relação aos níveis de escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985) (gráfico 1), é possível identificar uma importante heterogeneidade de conhecimentos em relação à compreensão do sistema de escrita: assim como havia crianças em níveis mais iniciais (pré-silábico - 3 e silábico sem valor sonoro - 3), havia crianças em níveis mais avançados, já escrevendo de forma silábico-alfabética (2) ou alfabeticamente (7). Um aspecto que chama atenção é o fato de as crianças que estariam em um nível intermediário, escrevendo silabicamente de forma qualitativa (8), utilizavam majoritariamente as letras vogais para estabelecer a correspondência sonora, o que provavelmente indicava um desconhecimento das letras consoantes do alfabeto e/ou de seu valor sonoro.

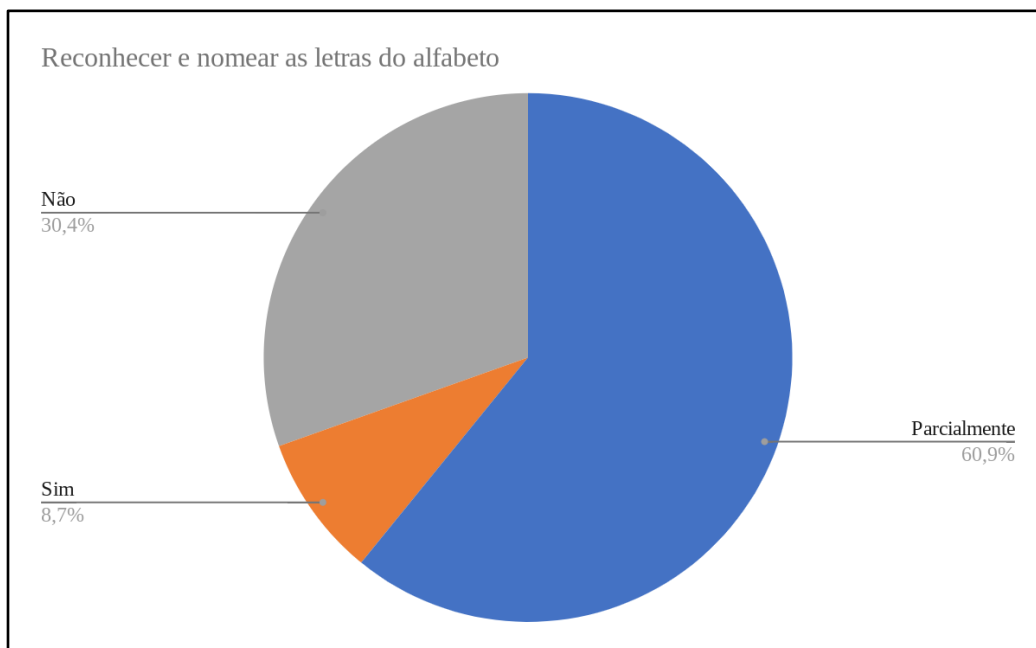
Gráfico 1- Níveis de escrita no início do segundo trimestre de 2022



Fonte: Goulart (2022, documento eletrônico)

Essa hipótese é confirmada a partir dos dados do gráfico abaixo, em relação ao conhecimento sobre as letras: somente dois alunos conheciam todas as letras do alfabeto, 14 estudantes conheciam entre 20% a 80% das letras e 7 alunos conheciam menos de 20% das letras do alfabeto. A maior parte da turma identificava somente as vogais e as letras de seu nome.

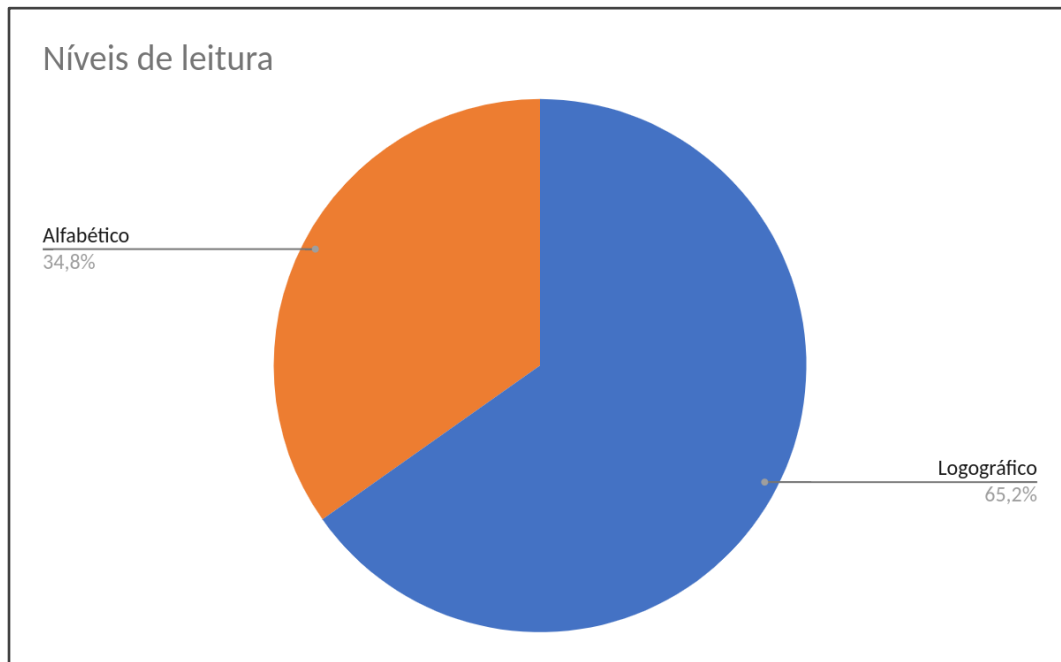
Gráfico 2 - Habilidade de reconhecer e nomear as letras do alfabeto no início do segundo trimestre de 2022



Fonte: Goulart (2022, documento eletrônico)

Em relação aos níveis de leitura de palavras, 15 alunos estavam no nível logográfico, que é caracterizado por estratégias de uso de pistas visuais e ambientais para o reconhecimento da palavra escrita (MONTEIRO, SOARES, 2014), tais como uma imagem ou letras-índice. No nível alfabético de leitura, ou seja, quando é realizada através da rota fonológica, sendo em grande parte das vezes de forma silabada, havia 8 alunos. Sobre o reconhecimento de palavras estáveis, como os nomes dos colegas, 6 alunos conseguiram ler todos esses nomes, 2 conseguiram ler alguns e a grande maioria da turma, 15 alunos, não conseguia ler os nomes dos colegas.

Gráfico 3 - Níveis de leitura no início do segundo trimestre de 2022



Fonte: Goulart (2022, documento eletrônico)

A partir dos dados, percebe-se que a maior parte da turma estava em um nível inicial do processo de apropriação da escrita e da leitura, não reconhecendo grande parte das letras do alfabeto e nem palavras consideradas estáveis. A compreensão do funcionamento do sistema de escrita alfabética, com a maioria da turma escrevendo de forma silábica com vogais, torna também esse um perfil bastante inicial, especialmente para expectativas em relação a uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental.

Os dados empíricos apresentados nos indicam que muitas foram as referências às defasagens nas aprendizagens e as diferenças entre os níveis de conhecimento das crianças. Havia crianças lendo e escrevendo com certa fluência, enquanto outras ainda estavam em nível pré-silábico e a grande dificuldade apresentada pelas professoras-estagiárias de modo geral, não apenas por Brenda, era como lidar com essa disparidade dentro de um mesmo contexto.

5 Considerações finais

Este estudo se propôs a apresentar alguns dos impactos do período pandêmico no desenvolvimento escolar de crianças no período de alfabetização. Consideramos que os impactos foram muitos e em diferentes âmbitos do desenvolvimento infantil, como nas aprendizagens acadêmicas, na socialização e no amadurecimento de certas funções emocionais e intelectuais que dependiam de experiências vividas. Em função disso, não há como pensar o retorno e a permanência das crianças nas escolas sem acolhimento e

intencionalidade pedagógica. Muitas delas desconheciam o funcionamento da escola, principalmente as que entravam nos primeiros anos: o que é um recreio, o que fazer na hora do pátio, como utilizar o caderno, saber aguardar sua vez, se organizar no espaço, controlar a ansiedade... eram muitas demandas. Foi preciso aprender novos tempos, novos modos de estar naquele lugar (quase) desconhecido e com o(s) outro(s), o que está demandando tempo e investimento. Entendemos que o processo será mais lento do que aquele imaginado inicialmente, o que torna ainda mais pertinente um trabalho pedagógico que se preocupe em diferenciar as propostas e adequar as demandas individuais.

Também consideramos que essas são questões de mais longo prazo, não teremos como resolver ou diminuir essas defasagens em curto período de tempo, assim como será difícil superar as desigualdades que se estabelecem entre crianças de uma mesma turma. Pensemos, então, sobre a distância que se interpôs entre as diferentes redes de ensino e em diferentes regiões do país. Para muitas crianças, as aprendizagens acadêmicas ficaram em segundo plano e, de volta aos bancos escolares, precisam de muito auxílio para tentar superar as lacunas que se formaram. Também está sendo fundamental conhecer e avaliar para poder intervir nos diferentes ritmos das crianças, estabelecer metas de aprendizagem distintas de acordo com os níveis de conhecimento diagnosticados e não com aqueles esperados para determinado ano.

Referências

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Sílvia Siqueira. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. In: **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas: UFPEl, maio/ago 2013, p.57-67.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MONTEIRO, Sara Mourão; SOARES, Magda. Processos cognitivos na leitura inicial: relação entre estratégias de reconhecimento de palavras e alfabetização. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 40, n. 2, p. 449-466, abr./jun. 2014.

SOARES, Magda. **Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.